

CRÔNICA

Cláudio Ferreira claudioferreira_64@hotmail.com

Dezembro de muitas vozes

O Natal está começando cada vez mais cedo — não demora muito e as primeiras luzes vão se acender logo após o feriado de 7 de setembro. Junto com as festas de fim de ano, chega outra tradição: as apresentações dos corais pela cidade. Apreciar os arranjos feitos — na maioria das vezes — a quatro vozes é uma questão de “ame-o ou deixe-o”. Tem gente que não quer nem ouvir falar. Outros vão perseguindo os concertos onde quer que eles aconteçam.

Brasília é um celeiro de corais. Diversos órgãos públicos mantêm estruturas permanentes nos seus quadros. Os grupos fazem apresentações institucionais ao longo do ano, mas guardam um repertório especial para dezembro, mesclando músicas natalinas com outras de temas gerais. Se arriscam a cantar em vários idiomas e se esmeram nos ensaios para “fechar” o ano com a sensação do dever cumprido.

Também é grande o movimento nas igrejas cristãs, que incentivam desde cedo seus fiéis a se juntarem em corais. Nessa época, várias delas apresentam cantatas de Natal — muitas não só com música, mas também com encenação. Não importa a religião que o público professe. Aliás, nem é preciso ter religião. Assistir a uma dessas cantatas é garantia de bons momentos, de deixar a música penetrar a alma.

O brasileiro que gosta dos corais tem outro privilégio: o de escutar a música

da janela de casa. Há mais de 40 anos, a Serenata de Natal, ligada à Universidade de Brasília, passeia pelas quadras do Plano Piloto e por vários pontos das outras regiões administrativas levando o repertório de Natal. Cantores amadores de todas as origens, idades e níveis de experiência com a música fazem uma verdadeira maratona, enfrentando chuva e longas distâncias com sorriso no rosto e um sininho para chamar a vizinhança.

A Serenata de Natal já tem público fiel, gente que cresceu ouvindo o coral, cantou durante algum tempo, casou, mudou, mas está sempre alerta ao movimento do grupo pelas quadras. Participei desse movimento durante muitos anos e tenho ótimas lembranças além da música: do bolo de chocolate que surgiu em um bloco da 312 Norte para os coralistas às duas da manhã ao robozinho vestido de Papai Noel colocado no centro da cantoria por uma moradora da 312 Sul.



Dezembro é um mês caótico para todos os envolvidos com os corais. A frequência dos ensaios aumenta, a sensação é de que o tempo é curto para burilar as músicas, tem letras em latim e alemão para decorar, até o uniforme das apresentações vira uma preocupação. Pouco a pouco, o estresse vai dando lugar ao prazer de cantar em grupo e mesmo quem não gosta muito de Natal acaba

envolvido pelo clima de fraternidade desse período.

O público também entra nesse clima, tanto que os shopping centers, por exemplo, já perceberam que convidar um coral para uma apresentação rápida antes do Natal pode angariar alguns espectadores que, depois, viram consumidores. E onde houver um palco, por menor que seja, existe um coral de olho em uma oportunidade.

Cantar em grupo traz a exposição perfeita para cada integrante do coral: destacado o bastante para as fotos de amigos e parentes e recolhido o bastante para que a voz se some às outras no objetivo de levar boa música o mais longe possível. Cuidando da afinação, das letras das músicas, mas, principalmente, dos encontros — primeiro, no próprio grupo e depois, com o público desse dezembro carinhoso.